



CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

Cinemateca Júnior

31 de janeiro 26

**“A CANÇÃO DE RIO JIM”
The Song of Rio Jim,
de Maurice Lemaître, França, 1978
6 min**

A preceder a paródia de Mel Brooks e em contraponto à imagem sem som da era do mudo, a “Canção do Rio Jim” de Maurice Lemaître é um exercício bem-humorado de som sem imagem sobre o western, evocando no ecrã negro um dos géneros mais populares do cinema.

**SILENT MOVIE / 1976
(A Última Loucura de Mel Brooks)
Um filme de Mel Brooks**

Realização: Mel Brooks / Argumento: Mel Brooks, Ron Clark, Rudy De Luca e Barry Levins, a partir da ideia de Ron Clark / Fotografia: Paul Lohmann / Montagem: John C. Howard e Stanford C. Allen / Direcção Artística: Al Brenner / Cenários: Rick Simpson / Música: John Morris / Guarda-Roupa: Pat Norris / Coreografia: Rob Iscove / Interpretação: Mel Brooks (Mel Funn), Marty Feldman (Marty Eggs), Dom DeLuise (Dom Bell), Bernadette Peters (Wilma Kaplan), Sid Caesar (Chefe do estúdio), Harold Gould (Engulf), Ron Carey (Devour), Carol Arthur (mulher grávida), Liam Dunn (vendedor de jornais), Fritz Feld (criado no restaurante), etc.. E, nos seus próprios papéis, Burt Reynolds, James Caan, Liza Minnelli, Anne Bancroft, Marcel Marceau e Paul Newman.

Produção: Michael Hertzberg, Crossbow Productions / Distribuição: Twentieth Century Fox / Cópia: da Cinemateca Portuguesa – Museu do Cinema, 35mm, cor, com intertítulos em inglês legendados em português, 87 minutos / Estreia: EUA, 1976 / Estreia em Portugal: 12 de Maio de 1977, no cinema Londres.

Se há filmografia irregular no cinema cómico americano é certamente a de Mel Brooks. Como conciliar o (de um modo geral) excelente Young Frankenstein (1974) com os altos e baixos de Blazing Saddles (1974), High Anxiety (1977) e History of the World, Part I (1981), apesar de este último filme conter um ou outro “sketch” bastante bem conseguido? Neste panorama, Silent Movie avulta ao lado do insulso The Producers (1969), primeiro filme de Brooks, pois é só muito raramente que o humor e a concatenação dos “gags” saem do rasteiro e calisto, para se entrar nesse difícilíssimo domínio do verdadeiramente cómico.

A ideia em si é divertida: um grande estúdio de Hollywood à beira da falência aposta tudo num “blockbuster” mudo, para o qual consegue contratar estrelas como Liza Minelli e Paul Newman. Mel Brooks (ou Mel Funn) é o realizador desse filme, um cineasta à velha maneira de Hollywood, incapaz de passar do cinema mudo para o cinema sonoro, que arruinou a sua carreira com o álcool. Quando chega ao estúdio para discutir a sua proposta (à semelhança de Norma Desmond/Gloria Swanson em Sunset Boulevard de Billy Wilder), não o querem deixar

entrar. “Don’t you know who I used to be?”, pergunta Mel Funn, usando a formulação de William Holden no filme de Wilder, quando este pergunta a Swanson “didn’t you use to be Norma Desmond?”. Mas Funn, como tantos outros, passaram à história, não porque os filmes ficaram “pequenos”, como Norma Desmond, mas porque o humor tipo “slapstick” morreu. E é esse tipo de humor que ser parodiado em Silent Movie, para além de se fazer troça

de outros clichés típicos do cinema americano mudo e sonoro - isto apesar de o filme ser completamente mudo, à excepção do “no!” proferido por Marcel Marceau, cujo tipo de expressão era, de qualquer forma, a mímica, sendo necessário, portanto, inverter, no caso dele, a norma do silêncio que o filme segue à risca (um pouco como o “redondo” que se utiliza em textos compostos em “itálico”, quando se quer escrever algo que normalmente viria em “itálico”).

No que é que consiste esse humor “slapstick”? É com o maior pudor que se deve afirmar isto, mas é precisamente o tipo de humor, observadas as devidas distâncias, que caracteriza o cinema de Chaplin e Buster Keaton. O problema é que o intertítulo que pergunta, em Silent Movie, “didn’t you know that slapstick is dead?” tem mais razão do que Mel Brooks pensava. Pelo que a vertente cómica mais bem explorada neste filme não tem nada que ver com quedas, tropeções, bolos na cara, mocadas na cabeça, etc. etc. - a panóplia cómica que Keaton e Chaplin transformaram numa arte exímia e irrepetível. Donde a presença cretina do execrável Marty Feldman (que só teve graça a imitar o Dwight Frye do Frankenstein de James Whale em Young Frankenstein) e os “gags” perfeitamente mortos de Dom DeLuise. O que de facto tem alguma graça em Silent Movie é o aproveitamento satírico do “glamour” idiossincrático das estrelas que Funn pretende contratar, sendo a sequência do duche de Burt Reynolds a mais divertida do filme, em virtude de colocar o símbolo viril mais piroso do cinema numa situação que sugere uma orgia homossexual. A corrida de cadeira de rodas protagonizada por Paul Newman retira a sua comicidade do conhecimento generalizado de que Newman adora corridas, mas a sátira ao “mito” Newman é demasiado benigna para ser verdadeiramente divertida. Muito melhor é a sequência do tango de Anne Bancroft (mulher de Mel Brooks), rodeada de gigolos que ela sustenta, que pelo menos faz mais do que reduzir todo o potencial cómico da situação ao vestido da vedeta, como sucede na sequência com Liza Minelli.

A coisa muda ligeiramente de feição com a introdução da personagem interpretada por Bernadette Peters, picante e ordinária; e a fantasia do carrossel e do bolo de noiva é uma paródia eficaz ao irrealismo açucarado do amor nos filmes musicais. Mas o conjunto nunca atinge a invenção genuinamente criativa da sequência da Inquisição em History of the World e nenhum dos actores tem o dom de levar tudo à frente como teve Cloris Leachman na sequência da Revolução Francesa do mesmo filme. Já para não falar de Young Frankenstein, de que Silent Movie se distancia uns bons anos de luz.

Frederico Lourenço